

Reprodução da violência

MÍDIA CONTRIBUI PARA MANTER A OPRESSÃO

Por Ana Carolina Andrade

No ano de 2011 o debate sobre preconceito e opressões esteve muito presente na mídia mas infelizmente sendo pautado por casos de violência contra homossexuais, negros e mulheres, ou ainda, sobre qual é o limite entre uma piada de mau gosto é uma ofensa a determinado grupo.

Personalidades como o humorista Rafinha Bastos, o Deputado Jair Bolsonaro e o Pastor Silas Malafaia ganharam destaque e inflamaram discussões sobre o que é preconceito, se ele ainda existe no Brasil e de que forma se manifesta. Os três se justificam dizendo que assumem ser preconceituosos para defender os valores da família, como diz Bolsonaro, ou ainda, ou como Rafinha, que se diz politicamente incorreto.

O humorista coleciona uma série de piadas que muitos configuram como de mau gosto, mas que na verdade contribuem para manutenção da opressão e ainda, para sua naturalização.

Duas de suas piadas foram consideradas as mais polêmicas, a primeira, onde Rafinha insinua a prática do estupro, "Toda mulher que eu vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia. Tá reclamando do quê? Deveria dar graças a Deus. Isso pra você não foi um crime, e sim uma oportunidade. Homem que fez isso não merece cadeia, merece um abraço.", e a segunda, dita ao vivo no programa que participava, o CQC, se referindo à cantora Wanessa Camargo, onde afirma que "comeria ela e o filho dela", um bebê no caso.

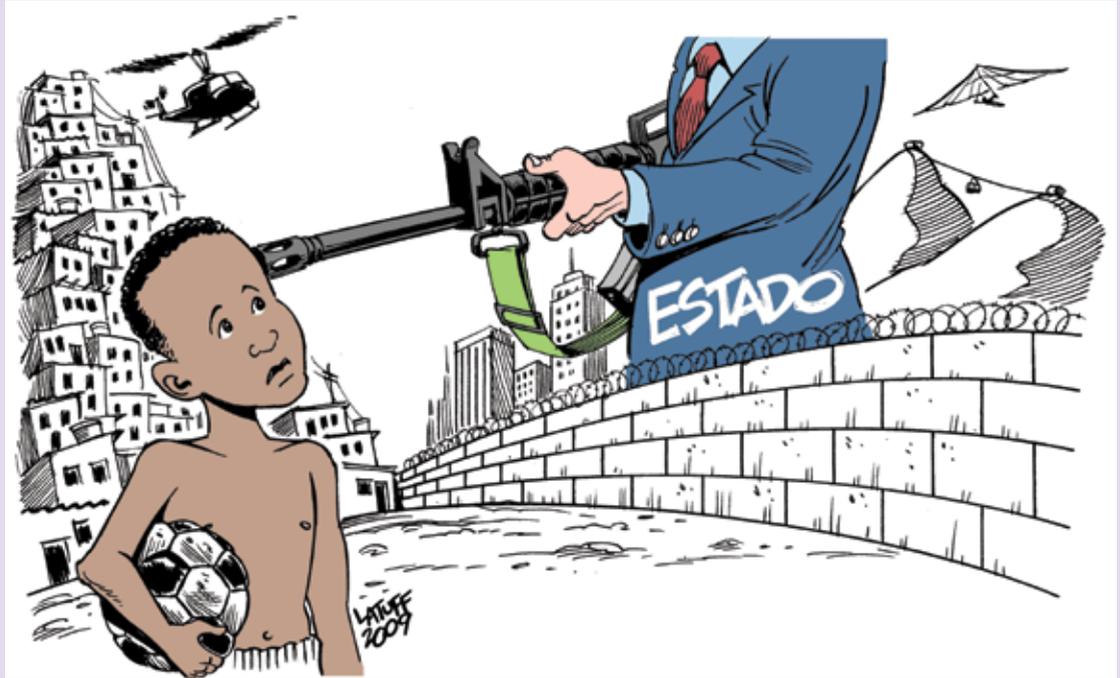
A repercussão e reação da sociedade foram muito diferentes em relação as duas piadas. Quanto a primeira algumas entidades denunciaram Rafinha por incitar a prática de um crime, no caso o estupro. Já pela segunda, o humorista perdeu a posição que ocupava no CQC e foi obrigado a abandonar o programa.

A grande diferença entre a primeira ofensa e a segunda é que as mulheres estupradas não tinham nenhum "homem para defendê-las", já Wanessa Camargo, tinha um marido, e que era ainda um homem influente o suficiente para ordenar a demissão de Rafinha.

O machismo nesse caso fica muito claro, já que a questão colocada não é a mulher que foi oprimida, mas o marido que se sentiu ofendido. Valores de uma sociedade ainda patriarcal, que trata a mulher como objeto e posse de seu marido são mantidos. Além disso, a classe a que pertence aquele que é ofendido determina também qual a reação a essa ofensa. O marido de Wanessa é um homem rico e por isso consegue algum tipo de punição ao agressor.

A violência contra as mulheres – Enquanto Rafinha faz piadas sobre estupro, no Brasil, a cada 12 segundos uma mulher é violentada, e a cada dia 11 mulheres são assassinadas. De acordo com estimativa da Anistia Internacional e da Organização Mundial de Saúde (OMS), uma em cada três mulheres sofrerá algum tipo de violência ou

Debate sobre mecanismos de exclusão é camuflado



Reprodução: Latuff

De acordo com o Mapa da Violência 2011, pesquisa do Instituto Sangari, de cada três assassinatos dois são de negros

abuso durante sua vida.

As políticas públicas no país para enfrentamento da violência machista ainda são insuficientes, e no governo Dilma Rousseff as verbas para a manutenção das Delegacias das Mulheres, e ainda, para o auxílio da mulher que denuncia seu agressor foram diminuídas drasticamente.

A Lei Maria da Penha, criada para incentivar a denuncia e a proteção das mulheres agredidas, se torna a cada dia mais difícil de concretizar na prática com essa diminuição de verbas. Todos os dias os jornais estão recheados de notícias de mulheres assassinadas, queimadas ou mutiladas na maioria das vezes, pelo próprio marido, namorado ou ex-companheiro.

NO BRASIL, A CADA 12 SEGUNDOS UMA MULHER É VIOLENTADA, E A CADA DIA 11 MULHERES SÃO ASSASSINADAS

O combate à homofobia – Traduzido de outra maneira, o machismo também se expressa na opressão aos homossexuais. Reportagens sobre homossexuais agredidos têm se tornado cotidianas e, de acordo com pesquisa do GGB (Grupo Gay da Bahia), em média dois homossexuais são assassinados por dia no Brasil.

A bancada religiosa na Câmara dos Deputados e no Senado tem saído vencedora a muitas iniciativas de se combater a homofobia. A primeira vitória neste ano foi em relação ao kit anti-homofobia, um material que seria implementado nas escolas, para desde o início trazer esse debate através da educação. Após pressão dessas ban-

cadadas, o governo Dilma vetou o kit.

O projeto de lei que criminaliza a homofobia tem também encontrado grande resistência dessa bancada e sua não implementação tem defensores como Bolsonaro e o Pastor Silas Malafaia, que tem incentivado seus fiéis a enviarem mensagens aos deputados para que votem contra.

Negras e negros – De acordo com o Mapa da Violência 2011, pesquisa do Instituto Sangari, de cada 3 assassinatos 2 são de negros, e ainda, de 1998 a 2008, morreram 103% mais negros que brancos.

Esse aumento no número de negros assassinados vem de uma política pública de extermínio, que em São Paulo se traduz com a Rota, e no Rio de Janeiro, com o BOPE, uma polícia que vai as favelas ordenada por governos para matar a juventude negra e pobre.

O papel da mídia – A mídia cumpre um papel fundamental para a manutenção dessa opressão seja pela ausência do debate ou pela sua superficialidade. Outro caso que ganhou destaque foi o quadro do programa Zorra Total, em que duas transexuais estão no metrô e são abusadas por um homem e uma diz para outra que ela tem que gostar daquela situação, já que é feia.

No caso do programa Zorra Total, as Metroviárias de São Paulo e outros setores apresentaram denuncia para que o quadro fosse retirado do ar, mas como o programa é parte da programação da Rede Globo, nada foi feito.

Como qualquer setor da sociedade também se faz necessário que a imprensa tenha uma regulação, para que em situações como essa a sociedade civil tenha poder de intervenção e não permita